

O MITO DE CAMELOT A PARTIR DO FILME JACKIE, DE PABLO LARRAÍN

THE CAMELOT MYTH THROUGH PABLO LARRAÍN'S JACKIE

WALDEMAR DALENOGARE NETO *

Resumo: Este artigo analisa como o filme Jackie, de Pablo Larraín, discute o mito de Camelot – ideia imposta por Jacqueline Kennedy que prega que JFK havia construído um legado intocável e seria eternizado na história de seu país como um dos maiores presidentes de todos os tempos. A partir da famosa entrevista para a revista Life e de uma coleção de *flashbacks*, o diretor constrói seu arco narrativo baseando-se em duas diferentes perspectivas do mito, presentes em uma *persona* criada pela primeira dama dos Estados Unidos após o assassinato de seu marido. Discute-se Jackie como um filme traumático, que busca espaço para acender a discussão entre memória e história.

Palavras-chave: Cinema; Memória; Política estadunidense.

Abstract: This article examines how Pablo Larraín's Jackie discusses the Camelot Myth - An idea imposed by Jacqueline Kennedy that JFK had built an untouchable legacy and that he would be eternalized in the history of his country as one of the greatest presidents of all time. Through the famous interview for Life magazine along with flashbacks, the director builds his narrative arc from two different perspectives of the myth, present in a persona created by the first lady of the United States after the assassination of her husband. Jackie is discussed as a traumatic film, which seeks its space to ignite the discussion between memory and history.

Keywords: Cinema; Memory; American Politics.

Com a comemoração do centenário do nascimento de John F. Kennedy, em 2017, uma longa agenda política e cultural nos Estados Unidos está montada em torno da discussão do legado deixado por ele e por seu governo.

Artigo recebido em 14 de fevereiro de 2017 e aprovado para publicação em 14 de março de 2017.

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS. Bolsista do CNPq. (Email: waldemar@dalenogare.com).

Tal questão, no entanto não é nova: dias após o assassinato que chocou o mundo, em novembro de 1963, a revista *Life* incentivou o diálogo em torno da memória de Kennedy a partir de duas grandes frentes: a primeira foi com a publicação do editorial "The 72 hours and what they can teach us", que previa um culto à imagem de Kennedy com proporções jamais observadas dentro de uma democracia, já estabelecendo uma linha de comparação entre Lincoln e JFK.¹ A outra, que recebeu atenção da imprensa mundial, ocorreu com a publicação de "For President Kennedy: An Epilogue", entrevista de Jacqueline Kennedy realizada pelo historiador e jornalista Theodore White², distribuída mundialmente.³

Jackie, filme do diretor chileno Pablo Larraín, tem seu arco narrativo construído a partir da entrevista que daria início à propagação do mito de Camelot – construção de Jacqueline para preservar a imagem de seu marido. A produção independente, com distribuição da Fox Searchlights, marca a primeira investida *de facto* cuja análise está voltada diretamente para a figura da primeira-dama e não para a de JFK.

O foco de *Jackie* está na construção de uma *persona* de Jacqueline criada logo após o assassinato de Kennedy para esconder seus deslizes e lhe colocar em posição de destaque dentro da história dos Estados Unidos. Para isso, ela combinou contos medievais com manifestações culturais dos Estados Unidos na década de 1960, desenvolvendo o que ela classificava como *justiça histórica* na análise do legado deixado pelo seu marido.⁴

O mito original de Camelot apareceu na França, no século XII, com a publicação do poema *Lancelot, le chevalier de la charrette*, de Chrétien de Troyes.⁵ Camelot era o nome do castelo do benevolente Rei Artur, que defendeu a Bretanha dos invasores saxões entre os séculos V e VI. Autores como Geoffrey de Monmouth⁶, Maria de França⁷, Robert de Boron⁸ e Ulrich von Zatzikhoven⁹ ajudaram a construir uma ideia positiva de que a corte de Artur situou-se em um dos períodos mais extraordinários da história e influenciaram gerações de poetas e escritores que ampliaram as lendas *fantásticas* nos períodos literários do Ciclo da

¹ *The 72 Hours and what they can teach us*. *Life Magazine*. 6 de dezembro de 1963.

² White ganhou visibilidade nacional graças ao livro vencedor do Pulitzer *The Making of the President, 1960*, sobre a disputa presidencial entre JFK e Richard Nixon.

³ "For President Kennedy: An Epilogue". *Life Magazine*. 6 de dezembro de 1963.

⁴ Para mais sobre o tema ver KELLEHER, K.L. *Jackie: Beyond the Myth of Camelot*. Bloomington: Xlibris Corporation, 2001 e GEORGE, Alice. *The Assassination of John F. Kennedy: Political Trauma and American Memory*. Londres: Routledge, 2013.

⁵ LACY, Norris (org). *The Legacy of Chrétien de Troyes: Chrétien et ses contemporains*. Nova York: Rodopi, 1986.

⁶ MONMOUTH, Geoffrey de. *The History of the Kings of Britain*. Calgary: Broadview Press, 2007.

⁷ Para análise, ver BARBER, Richard. *King Arthur: Hero and Legend*. Londres: Boydell Press, 1986, pp. 50- 61.

⁸ DE BORON, Robert. *A Demanda do Santo Graal*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1944.

⁹ ZATZIKHOVEN, Ulrich von. *Lanzelet*. Nova York: Columbia University Press, 1951.

Vulgata e do Ciclo da Post-Vulgata.¹⁰ Ao longo das décadas, Artur e Camelot tornaram-se sinônimos, com cada vez mais conteúdo produzido em torno de fábulas que destacavam sua incessante busca por justiça e sua coragem, ao mesmo tempo em que adicionavam elementos mágicos que entraram no imaginário popular por meio de histórias como a de Excalibur, da Távola Redonda e do Santo Graal.¹¹

Em 1960, as histórias medievais da corte do Rei Artur chegaram à Broadway pela peça Camelot, adaptada do livro de T.H. White por Alan Lerner e Frederick Loewe.¹² A popularidade do musical despertou o interesse de John Kennedy, na época ainda servindo como senador e candidato à presidência, pela história do Rei Artur, e foi a justificativa para Jacqueline utilizar o termo na entrevista com Theodore White. O desejo da primeira-dama em desvincular JFK das entranhas do partidarismo estadunidense era de garantir que o assassinato do presidente fosse lembrado em um nível superior a qualquer antecessor. Se Roosevelt tinha críticos e Wilson não era unanimidade, John Kennedy, na visão de sua esposa, seria um mártir comparado a Lincoln. Desde então, comparações entre Kennedy e Rei Artur são feitas por biógrafos e cientistas políticos, assim como entre Lee Harvey Oswald e Modred (traidor responsável direto pela morte do Rei)¹³, entre Jacqueline e Guinevere (esposa de Artur)¹⁴, e entre William Manchester (autor do best-seller *The Death of a President*, com influência direta de Jacqueline no manuscrito final) e Malory (escritor de *Le Morte d'Arthur*).¹⁵

Pablo Larraín montou um filme imerso no contexto do turbulento ano de 1963. O roteiro de Noah Oppenheim leva em conta clássicos da historiografia estadunidense, como as famosas biografias escritas por Dallek¹⁶ e Schlesinger¹⁷, e consegue entrelaçar, ao mesmo tempo, detalhes íntimos da vida da primeira-dama, aos quais se tem acesso na coleção de memórias de Jacqueline, publicadas por sua filha, Caroline¹⁸. A ligação da primeira-dama (interpretada por Natalie Portman) com Robert Kennedy (interpretado por Peter Sarsgaard), os planos para criar um evento memorável de despedida e, até mesmo, o agradecimento ao

¹⁰ BOGDANOW, Fanni. *The Romance of the Grail: A Study of the Structure and Genesis of a Thirteenth-Century Arthurian Prose Romance*. Manchester: Manchester University Press, 1966.

¹¹ HIGHAM, N.J. *King Arthur: Myth-Making and History*. Londres: Routledge, 2005, pp. 56-65.

¹² WHITE, T.H. *The Once and Future King*. Londres: Collins: 1958.

¹³ VAN RIJN, Guido. *Kennedy's Blues*. Jackson: Univ. Press of Mississippi, 2009, p. 10.

¹⁴ RENWICK, N. *America's World Identity*. Nova York: Springer, 1999, p. 132.

¹⁵ Idem.

¹⁶ DALLEK, Robert. *An Unfinished Life: John F. Kennedy, 1917 – 1963*. Boston: Little, Brown, 2003.

¹⁷ SCHLESINGER, Artur. *A Thousand Days: John F. Kennedy in the White House*. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 2002.

¹⁸ KENNEDY, Caroline. *Jacqueline Kennedy: Historic Conversations on Life with John F. Kennedy*. Nova York: Hachette Books, 2011.

agente especial Clint Hill (interpretado por David Caves), por sua iniciativa em proteger o carro da comitiva após os disparos, são elementos relevantes para o desenvolvimento da *persona* criada por Jacqueline ao longo dos 100 minutos de duração da película.

O mito de Camelot atua como um *implant* na narrativa proposta. A cena de abertura de Larraín mostra Jacqueline recebendo White para uma entrevista, levando o espectador a pensar que a conversa entre ambos seria franca, aberta e que resolveria dúvidas levantadas pelo público na semana posterior ao assassinato de JFK. Contudo, o interesse particular de Jacqueline em torno da visibilidade da publicação da Life e do prestígio do escritor é revelado somente nas cenas finais, nas quais existe uma clara pressão para que a publicação faça um culto da memória de Kennedy.

JFK (interpretado por Caspar Phillipson) tem um papel meramente secundário. Dentro do *implant* narrativo, as cenas que contam com sua presença são levadas ao espectador pelas lembranças de Jackie. A histórica visita do jornalista Charles Collingwood à Casa Branca, que mostrou pela primeira vez ao americano a estrutura interna da residência do presidente, e um dos vários bailes de gala organizados durante a presidência Kennedy, registram situações de ternura, deixando claro que a própria Jacqueline preferia deixar para trás seus problemas pessoais com Kennedy.



Figura 1: O simbólico beijo no caixão de John Kennedy, com destaque para os tons escuros da fotografia de Stéphane Fontaine.

Durante a promoção do longa nos Estados Unidos, a Fox utilizou uma frase de efeito que ganhou destaque tanto no trailer quanto nas propagandas distribuídas nos programas de televisão : com a voz em um tom seco que realmente lembra Jacqueline, a atriz Natalie Portman anuncia que “people like to believe in fairytales”.¹⁹ Essa citação – jamais registrada pela primeira-dama – na verdade é uma alegoria para fazer a ligação direta de Kennedy com a peça Camelot. Larraín deixa claro o amor de JFK pela versão da Broadway, e a citação da última cena do musical –originalmente interpretada pelo ator Richard Burton – é importante para compreender o nível de análise do mito de Camelot:

Each evening, from December to December. Before you drift to sleep upon your cot. Think back on all the tales that you remember. Of Camelot. Ask every person if he's heard the story. And tell it strong and clear if he has not. That once there was a fleeting wisp of glory. Called Camelot. Where once it never rained till after sundown. By 8 a.m the morning fog had flown. Don't let it be forgot that once there was a spot. For one brief shining moment that was known as Camelot.²⁰

Larraín propõe a análise do mito de Camelot a partir de duas grandes correntes: a primeira é de John Kennedy como um mártir estadunidense. Esta é construída no filme a partir de um amplo conjunto de cenas que focam na preocupação de Jacqueline em montar o legado de seu marido a partir da estaca zero, que abraçaria tanto republicanos quanto democratas opositores do presidente. Se Kennedy tinha em mente se reeleger em 1964 a partir da ideia progressista da Nova Fronteira²¹, sua esposa considerava tal base extremamente frágil, muito por conta das turbulências na política externa, como no caso de Cuba e do Vietnã.²²

A grande cena que ressalta a ideia do mártir gira em torno da preparação do funeral do presidente. O diretor altera o padrão vigente na paleta de cores até então, que ganha tons mais escuros para explorar o luto. Ao mesmo tempo, a necessidade de afirmar a imagem de JFK

¹⁹ “As pessoas gostam de acreditar em contos de fada.”

²⁰ LOEWE, Frederick. *Camelot (Reprise)*. Intérprete: Richard Burton. Nova York: Masterworks Broadway, 1960. Em português: “Toda noite, de dezembro a dezembro. Antes de você dormir em sua cama. Pense em todas as histórias que você se lembra. De Camelot. Pergunte para as pessoas se elas ouviram falar da história. E diga de pulmões cheios caso não tenham. Que uma vez houve um fio passageiro de glória. Chamado Camelot. Uma época em que a chuva não caía antes do pôr- do- sol. Às 8h, a névoa da manhã já havia voado. Não se deixe esquecer que uma vez houve um local. Por um breve e brilhante momento que era conhecido como Camelot”. Todas as traduções deste artigo foram feitas pelo autor.

²¹ O termo Nova Fronteira foi usado pela primeira vez por Kennedy na Convenção Democrata de 1960, para marcar a década de 1960 como um período de desafios na ciência e na tecnologia, no qual a sociedade estadunidense tinha o dever de proteger a democracia contra os males do comunismo. Para mais, ver MAGA Timothy P. *John F. Kennedy and New Frontier Diplomacy, 1961-1963*. Nova York: Krieger Publishing Company, 1994.

²² Para mais, ver FREEDMAN, Lawrence. *Kennedy's Wars: Berlin, Cuba, Laos, and Vietnam*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

como um presidente tão grande quanto Lincoln fica evidente a partir da seleção de diálogos em que Jacqueline discute com Robert Kennedy e com o assistente de Lyndon Johnson, Jack Valenti, sobre a preparação do cortejo. Questões simbólicas secundárias também são levantadas com o pedido de Jacqueline para a análise de livros, fotografias e de histórias sobre o funeral de Lincoln, como visto no diálogo entre Jacqueline Kennedy com o pintor William Walton, amigo da família e confidente da primeira-dama.



Figura 2: Com o caixão de Kennedy no carro e ainda vestindo seu Chanel ensanguentado, Jacqueline pergunta para o motorista sobre Garfield e McKinley, presidentes que também foram assassinados, mas que não tiveram impacto na história dos Estados Unidos do mesmo tamanho de Lincoln. A partir dessa conversa, Larraín abre espaço para discutir Camelot em seu filme.

JACKIE:

I can feel Jack getting angry with us. ‘There you go, spending all that money on those silly little knick-nacks. The man would spend whatever it took for votes, but balked at buying a beautiful painting. I guess we don’t have to worry about that anymore. We must get this right, Bill. We must get this right. It has to be beautiful. Did you tell them we’ll need a horse-drawn carriage? We have to march with Jack. Everyone. A big beautiful procession that people will remember.

WALTON

Mrs. Kennedy... You don’t have to do this.

JACKIE

Do what?

WALTON

In fact, I don’t think they’ll let you parade through the streets. The world’s gone mad. You should take the children and disappear. Build a fortress in Boston and never look back.²³

²³ OPPENHEIM, Noah. *Jackie*. Roteiro original do filme Jackie. Coleção pessoal do autor, 2016. “JACKIE: Eu posso sentir Jack ficando brabo conosco. ‘Lá vai você de novo gastar todo esse dinheiro nessas bobagens. O

O roteiro de Noah Oppenheim faz uma boa ponte com o que a historiografia americana descreve sobre as controvérsias em torno do funeral. Walton foi o primeiro a pesquisar na Biblioteca do Congresso registros sobre a despedida de Lincoln na capital estadunidense. Por algumas horas, Jacqueline chegou a duvidar da capacidade de organização de uma procissão tão ambiciosa. Somente após uma conversa com seu motorista é que ela teve a certeza de que seu marido só seria lembrado se houvesse um culto a sua memória. Larraín trata de recriar essa memória de Jacqueline em uma cena na qual ela pergunta ao motorista se ele conhecia James Garfield e William McKinley. Após receber duas respostas negativas, ela então pergunta sobre Abraham Lincoln, que prontamente é reconhecido pelo motorista como o presidente que venceu a Guerra Civil. John Kennedy, com apenas dois anos de governo, seria vinculado, portanto, como um brilhante presidente do mesmo nível de Lincoln, mas que não teve a chance de mudar seu país pelo pouco tempo de governo.

A ritualística em torno do cerimonial de despedida também absorve a tensão gerada entre os Kennedys com Valenti. Durante parte do filme ele é apresentado como o principal opositor a uma grande cerimônia de despedida, justificando sua preocupação em ameaças recebidas pelas agências de inteligência dos Estados Unidos sobre possíveis lobos solitários que poderiam atacar mais uma vez para tentar matar o presidente. Como na vida real, Jacqueline considera o pedido de Valenti por algumas horas, mas nota que a falta de um grande cortejo de despedida abalaria seu plano para imortalizar a figura do marido.²⁴

JACKIE

I've changed my mind.

VALENTI

I'm sorry?

JACKIE

I said I've changed my mind. We will have the procession. And I will walk to the Cathedral. With the casket.

homem gastaria o que fosse necessário para conseguir votos, mas resistia comprar uma bonita pintura. Eu acho que nós não temos mais que se preocupar com isso. Nós precisamos fazer isso da forma certa, Bill. Nós precisamos fazer isso da forma certa. (A despedida) tem que ser muito bonita. Você falou para eles que nós vamos precisar de uma carruagem de cavalos? Nós temos que caminhar junto de Jack. Todos nós. Uma grande e linda procissão que as pessoas se lembrarão. WALTON: Senhora Kennedy... Você não precisa fazer isso. JACKIE: Fazer o quê? WALTON: Na verdade eu acho que eles não vão deixar você fazer esse desfile pelas ruas. O mundo está louco. Você deve pegar suas crianças e desaparecer. Construir uma fortaleza em Boston e nunca mais olhar para trás.”

²⁴ Sobre as ameaças registradas pelo serviço secreto na semana posterior ao assassinato de Kennedy, ver BLAINE, Gerald; MCCUBIN, Lisa. *The Kennedy Detail: JFK's Secret Service Agents Break Their Silence*. Nova York: Simon and Schuster, 2010, pp. 290-295.



Figura 3: Sequência da montagem da cena em que Jacqueline Kennedy faz o trajeto até a catedral de Washington na limusine. Em efeito espelhado, Larraín utiliza imagens de arquivo para destacar a reação da protagonista perante o luto das milhares de pessoas – que também é o seu.

VALENTI

Well even if we could resume the arrangements, I'm sure you can understand... The Secret Service still has their concerns.

JACKIE

And President Johnson?

VALENTI

President Johnson would like nothing more than to fulfill your wishes. But, I have to take into account his safety. The country couldn't endure another blow should anything—

Após Valenti notar a resistência da primeira-dama, ele deixa a Casa Branca frustrado. Jack Valenti não chega a ser montado como um antagonista, mas sua extrema insensibilidade tem base histórica e está devidamente documentada entre pesquisadores que estudaram o caso.²⁵

Além de enfrentar a resistência de membros da equipe de Lyndon Johnson, Jacqueline também sofre pressão da própria família para não criar um evento a partir da morte de JFK. Conforme mostrado por Larraín, a decisão de criar uma chama eterna no Cemitério de Arlington não foi aceita de forma natural, já que Rose Kennedy

queria ver seu filho enterrado no mausoléu da família. A frase “*He can't just be buried*

²⁵ GEORGE, Alice. *The Assassination of John F. Kennedy: Political Trauma and American Memory*. Londres: Routledge, 2013, p. 110.

anywhere. He deserves more”, dita por Jacqueline antes de decidir o local do enterro, mostra que, a partir de seu assassinato, JFK consolidava-se na história dos Estados Unidos como um dos mais importantes políticos do país.

O último empecilho, em relação ao funeral, registrado no filme de Larraín para a construção do mito de Camelot, estava nas ameaças de morte recebidas pelo General de Gaulle em Washington. Após o serviço secreto reportar diretamente a Jacqueline o perigo iminente de um novo ataque, ela optou por enfrentar os agentes da inteligência, mais uma vez usando a figura de Jack Valenti para mostrar seu descontentamento com a situação:

JACKIE: (Valenti), Inform them that I will walk with Jack tomorrow. Alone if necessary. And tell General de Gaulle - if he wishes to ride in an armored car, or in a tank for that matter, I won't blame him. And I'm sure the tens of millions of people watching won't either.

VALENTI

Why are you doing this Mrs. Kennedy?

JACKIE

Oh, I'm just doing my job.²⁶

A outra construção do mito de Camelot no filme de Larraín está na admissão da própria Jacqueline de que todo seu esforço para cultuar a memória de JFK consistia em uma manipulação forçada de fatos para mascarar a infidelidade de seu marido e criar uma figura política intocável, cujo trauma do assassinato marcaria para sempre os americanos que tivessem alguma lembrança sobre o fatídico 22 de novembro de 1963, como aponta um diálogo da primeira dama com o Theodore White: “The truth? Well I've grown accustomed to a great divide between what people believe and what I know to be real”.²⁷

A conversa que marca a linha entre a realidade e o mito ocorre na metade final do filme, quando Jacqueline fala sobre temas como fé e suicídio com o padre Richard McSorley.²⁸

JACKIE

What did I do to deserve that? Jack and I hardly ever spent the night together. Not even that last night in Forth Worth (...) I was First Lady of the United States.

²⁶ OPPENHEIM, Noah. *Jackie*. Roteiro original do filme Jackie. Coleção pessoal do autor, 2016. “JACKIE: (Valenti), informe a eles que eu vou caminhar com Jack amanhã. Sozinha, se necessário. E avise ao General De Gaulle – que se ele quiser ir em um carro blindado ou em um tanque, que eu não vou culpá-lo. E eu tenho certeza de que as dezenas de milhares de pessoas assistindo também não vão. VALENTI: Por qual motivo você está fazendo isso, senhora Kennedy?? JACKIE: Oh, eu apenas estou fazendo meu trabalho.”

²⁷ *Idem*. “A verdade? Bem, eu cresci acostumada à grande divisão do que as pessoas acham e do que eu sei que é real”.

²⁸ Para detalhes sobre o caso, ver MAIER, Thomas. *The Kennedys: America's Emerald Kings*. Nova York: Hachette Book Group, 2003.

Women have been doing far worse for far less. There are two kinds of women: Those who want power in the world. And those who want power in bed. (...) Some of his friends were so crude. Jack wasn't of course. But he could get caught up in it. Still...he was a great father. I picture him in that rocking chair in his office. Caroline and John at his feet...How could I hate him?

PADRE

Take comfort in those memories.

JACKIE

I can't. They're mixed up with all the others.²⁹

Neste sentido fica clara a diferença entre o Kennedy do mito de Camelot com o Kennedy da vida privada. Jacqueline constrói a imagem de seu marido para o público da forma como ela deseja que ele seja lembrado, e não da forma como ela recorda. Larraín, portanto, reconhece o revisionismo da presidência Kennedy existente nos últimos anos e afasta completamente a possibilidade de *Jackie* se tornar uma propaganda gratuita para a família Kennedy.

A montagem de *Jackie* privilegia a construção de um roteiro que não segue uma linearidade, possibilitando ao espectador analisar os principais fatos de novembro de 1963 (chegada triunfal no Texas, assassinato de JFK e posse de Johnson) a partir da visão de Jacqueline. Segundo o roteirista Noah Oppenheim, o principal objetivo de *Jackie* foi dar voz a Jacqueline. Para isso, nota-se que os arcos narrativos privilegiam a técnica do fluxo de consciência, criando um retrato ao estilo *candid*.³⁰

Jackie tem poderosas linhas de diálogo. Ao proferir “there will be great presidents again, but there will never be another Camelot”³¹, Jacqueline sabia perfeitamente que estava direcionando o pensamento crítico tanto no meio acadêmico quanto no jornalístico para um culto ao ex-presidente. Deve-se estabelecer, portanto, uma relação direta entre a abertura de diálogo proposta pelo diretor com a discussão de trauma e memória. Ao analisar a cultura dos Estados Unidos, Victor Roudometof conclui que, diferentemente dos europeus, os estadunidenses preferem utilizar o termo *memória* no lugar de *herança* para designar experiências passadas de geração para geração pelo fato de que a *memória* possui uma

²⁹ OPPENHEIM, Noah. *Jackie*. Roteiro original do filme Jackie. Coleção pessoal do autor, 2016. “JACKIE: O que eu fiz para merecer isso? Jack e eu raramente passávamos a noite juntos. Nem mesmo aquela última noite em Forth Worth (...) Eu era a primeira-dama dos Estados Unidos. As mulheres fazem coisas bem piores por muito menos. Existem dois tipos de mulheres: aquelas que querem o poder no mundo e aquelas que querem o poder na cama (...) Alguns de seus amigos eram tão brutos. Jack não era, obviamente. Mas ele ainda caía nisso. Mesmo assim, ele era um grande pai. Eu imagino ele naquela cadeira de balanço em seu escritório. Caroline e John em seus pés. Como eu poderia odiá-lo? PADRE: Conforte-se com essas memórias. JACKIE: Não consigo. Elas estão misturadas com todas as outras.

³⁰ *Creating Camelot*. Fox Searchlights. Estados Unidos, 2016

³¹ *Idem*. “Teremos grandes presidentes novamente, mas nunca mais um Camelot.”

qualidade que a *herança* não tem: a maleabilidade.³² Neste sentido, fatos históricos estão prontos para serem revistos a partir de uma invocação por força maior. No assassinato de Kennedy, o trauma coletivo torna-se o fio condutor para um processo de reparação de feridas abertas no imaginário social, como lembra Judith Herman.³³

³² ROUDOMETOF, Victor. Collective Memory and Cultural Politics. *Journal of Political and Military Sociology*, v. 35, n. 1, p. 1, 2007.

³³ HERMAN, Judith. *Trauma and Recovery*. Nova York: Basic Books, 2015, pp. 100- 103.



Figura 4: Os tons escuros da fotografia para expressar o trauma (esquerda) em contraste com o brilho dos *flashbacks* antes do assassinato de Kennedy.

Jackie atua como um filme traumático que coloca o cinema como memória ao mesmo tempo em que se enquadra na grande categoria de cinema político. A ideia de filme traumático tem relação direta com os escritos de Benjamin sobre cinema e tempos modernos, especialmente em sua discussão sobre a “experiência do choque”.³⁴ A partir de Freud,

³⁴ Para uma discussão aprofundada sobre o assunto no cinema, ver HANSEN, *Miriam. Cinema and Experience: Siegfried Kracauer, Walter Benjamin, and Theodor W. Adorno*. Berkeley: University of California Press, 2012.

Benjamin coloca a arte cinematográfica como um fenômeno da modernidade que superestimula o espectador e enfraquece o escudo da consciência.³⁵ O cinema, portanto, é reflexo da extensão dos impulsos traumáticos, podendo funcionar como uma terapia coletiva, porque desempenha papel fundamental na absorção dos choques.³⁶

O trauma estrutural em Jackie pode ser analisado a partir da montagem da fotografia de Stéphane Fontaine. O filme utiliza uma cena em p/b para simular o *tape* de uma entrevista de Jacqueline para a televisão americana. Fora isso, todas as suas lembranças em *flashbacks* são colocadas em tons claros, com abuso da luz e destaque para as variadas cores do design interior e do figurino. Já as cenas após o assassinato, por si só, representam o choque da primeira dama a partir da nova realidade imposta. Em ambientes fechados, a cor preta toma o lugar do brilho para ressaltar o luto.

Larraín termina seu filme resolvendo o *implant* narrativo estabelecido nos primeiros minutos ao dramatizar Jacqueline observando atentamente o jornalista ditar seu texto via telefone para a Life. Vários detalhes discutidos naquela tarde não foram publicados por pedido dela, convencida de que os editores aceitariam passivamente seu projeto de construção de uma memória coletiva, ampliada lentamente com a intensa cobertura de seu assassinato e de seu funeral pela televisão, além do impacto das fotografias, dos tributos feitos pela administração Johnson e, mais tarde, de filmes caseiros como o de Abraham Zapruder.

JACKIE:

You know every night before bed, we had this old Victrola. We'd listen to a couple records. And his favorite was Camelot (...) Oh, I'm so ashamed of myself. Every quote out of Jack's mouth was either Greek or Roman. And that last song, that last side of Camelot is all that keeps running through my mind. Jack loved history. It's what made him what he was. Imagine him... this little boy, with scarlet fever in bed, reading history. King Arthur and the Knights of the Round Table. That's what Camelot is about. Ordinary men banding together to fight for a better world. wasn't naive. But, he had ideals. Ideals he could rally others to believe in.³⁷

³⁵ ELSAESSER, Thomas. *German Cinema - Terror and Trauma: Cultural Memory Since 1945*. Londres: Routledge, 2013, p. 316.

³⁶ *Idem*, p. 317.

³⁷ OPPENHEIM, Noah. *Jackie*. Roteiro original do filme Jackie. Coleção pessoal do autor, 2016. "JACKIE: Você sabe, toda noite antes de ir para cama nós ouvíamos alguns discos na nossa vitrola velha. O favorito dele era Camelot (...) Oh, eu tenho tanta vergonha de mim. Tudo o que saía da boca de Jack era em grego ou romano. E aquela última música, aquele último lado de Camelot é tudo o que passa pela minha mente. Jack amava a História. Ela tornou ele no que ele era. Imagine ele... esse pequeno menino, na cama com escarlatina, lendo história. Rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda. É disso que Camelot trata. Sobre homens comuns que se reúnem para lutar por um mundo melhor. Jack não era inocente. Mas ele tinha ideais. Ideais que ele podia fazer com que os outros também acreditassem."

Em suas memórias, Theodore White lamentou o fato de ter sido utilizado pela primeira dama como o fio condutor que propagaria uma das maiores falácias da história política dos Estados Unidos.³⁸ Por mais de três décadas, os desvios morais de Kennedy, suas falhas na política doméstica e seus fracassos na política externa foram acobertados pelo longo sentimento de luto que tomou conta da população estadunidense. Segundo Chafe:

It is still difficult to place the Kennedy presidency in perspective. There was something larger than life about the man, his presidency, his death, and his impact on the American people. Part of this he created himself through his extraordinary style and image. With as much artifice as conviction, the Kennedys helped to generate the myth of Camelot - the beautiful and stylish wife, the active and attractive leader, the high culture, the court entourage of brilliant and dedicated servants - a time that belonged, by design, with the legends of chivalric courts. Americans had found - or were offered- a dashing young monarch who had succeeded in creating a link in the fantasy and the Oval Office.³⁹

Em meio disso, Jackie torna-se uma valiosa produção cinematográfica. Ao escancarar o mito de Camelot, Larraín propõe ao espectador uma busca pela verdade a partir de uma leitura complementar. O filme em nenhum momento procura respostas para questões complexas – como a do assassinato do presidente ou mesmo sobre o futuro de Jacqueline. O objetivo principal é ressaltar a necessidade de rever a narrativa imposta pela mídia e por uma corrente de historiadores e jornalistas que abraçaram a proposta de Jacqueline e que até hoje mantém a chama de Kennedy como um ser intocável na história dos Estados Unidos.

Desde a década de 1990, autores como Noam Chomsky⁴⁰ e Seymour Hersh⁴¹ tem desempenhado papel fundamental na visão crítica da presidência Kennedy. O cinema, que por muitos anos ajudou a consolidar o mito de Camelot com uma geração de documentaristas fortemente influenciados por *John F. Kennedy: Years of Lightning, Day of Drums*,⁴² memorial do governo federal americano amplamente distribuído na década de 1960, tem em

³⁸ "Quite inadvertently, I was her instrument in labeling the myth." WHITE, Theodore. *In Search of History: A Personal Adventure*. Nova York: Harper & Row, 1978, p.201.

³⁹ CHAFE, William. *The Unfinished Journey: America Since World War II*. Oxford: Oxford University Press, 2003, p. 214. "Ainda é difícil colocar a presidência Kennedy em perspectiva. Existia algo maior que a vida neste homem, em sua presidência, em sua morte e no seu impacto no povo americano. Parte disso ele mesmo ajudou a criar com seu extraordinário estilo e imagem. Com tantos artifícios quanto convicções, os Kennedys ajudaram a gerar o Mito de Camelot – a bonita e estilosa mulher, o ativo e atrativo líder, a alta cultura, a corte de brilhantes e dedicados servos – um tempo que pertencia, neste sentido, ao período das lendas das cortes de cavalaria. Os americanos encontraram – ou foram oferecidos – um energético e jovem monarca que conseguiu cumprir o objetivo de criar uma ligação entre a fantasia e o Salão Oval".

⁴⁰ CHOMSKY, Noam. *Rethinking Camelot: JFK, the Vietnam War, and U.S. Political Culture*. Nova York: South End Press, 1993.

⁴¹ HERSH, SEYMOUR. *The Dark Side of Camelot*. Nova York: Harper Collins, 1997.

⁴² *John F. Kennedy: Years of Lightning, Day of Drums (1966)*. Direção de Bruce Herschensohn. Estados Unidos, 90 min.

Jackie um filme do mesmo nível de JFK, de Oliver Stone, disposto a quebrar paradigmas a partir de um roteiro original e de extrema relevância.

Referências

Áudio:

LOEWE, Frederick. *Camelot (Reprise)*. Intérprete: Richard Burton. Nova York: Masterworks Broadway, 1960

Artigo:

ROUDOMETOF, Victor. Collective Memory and Cultural Politics. *Journal of Political and Military Sociology*, v. 35, n. 1, p. 1, 2007.

Documentário:

John F. Kennedy: Years of Lightning, Day of Drums (1966). Direção de Bruce Herschensohn. Estados Unidos, 90 min.

Filme:

Jackie (2016). Direção de Pablo Larraín. Estados Unidos, 100 min.

Livros:

BARBER, Richard. *King Arthur: Hero and Legend*. Londres: Boydell Press, 1986.

BLAINE, Gerald; MCCUBIN, Lisa. *The Kennedy Detail: JFK's Secret Service Agents Break Their Silence*. Nova York: Simon and Schuster, 2010.

BOGDANOW, Fanni. *The Romance of the Grail: A Study of the Structure and Genesis of a Thirteenth-Century Arthurian Prose Romance*. Manchester: Manchester University Press, 1966.

CHAFE, William. *The Unfinished Journey: America Since World War II*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

CHOMSKY, Noam. *Rethinking Camelot: JFK, the Vietnam War, and U.S. Political Culture*. Nova York: South End Press, 1993.

DALLEK, Robert. *An Unfinished Life: John F. Kennedy, 1917 – 1963*. Boston: Little, Brown, 2003.

DE BORON, Robert. *A Demanda do Santo Graal*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1944.

ELSAESSER, Thomas. *German Cinema - Terror and Trauma: Cultural Memory Since 1945*. Londres: Routledge, 2013

FREEDMAN, Lawrence. *Kennedy's Wars: Berlin, Cuba, Laos, and Vietnam*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

GEORGE, Alice. *The Assassination of John F. Kennedy: Political Trauma and American Memory*. Londres: Routledge, 2013.

HANSEN, Miriam. *Cinema and Experience: Siegfried Kracauer, Walter Benjamin, and Theodor W. Adorno*. Berkeley: University of California Press, 2012.

HERMAN, Judith. *Trauma and Recovery*. Nova York: Basic Books, 2015.

HERSH, SEYMOUR. *The Dark Side of Camelot*. Nova York: Harper Collins, 1997.

HIGHAM, N.J. *King Arthur: Myth-Making and History*. Londres: Routledge, 2005, pp.

- LACY, Norris (org). *The Legacy of Chrétien de Troyes: Chrétien et ses contemporains*. Nova York: Rodopi, 1986.
- MAGA Timothy P. *John F. Kennedy and New Frontier Diplomacy, 1961-1963*. Nova York: Krieger Publishing Company, 1994.
- MAIER, Thomas. *The Kennedys: America's Emerald Kings*. Nova York: Hachette Book Group, 2003.
- MONMOUTH, Geoffrey de. *The History of the Kings of Britain*. Calgary: Broadview Press, 2007.
- KELLEHER, K.L. *Jackie: Beyond the Myth of Camelot*. Bloomington: Xlibris Corporation, 2001
- KENNEDY, Caroline. *Jacqueline Kennedy: Historic Conversations on Life with John F. Kennedy*. Nova York: Hachette Books, 2011.
- RENWICK, N. *America's World Identity*. Nova York: Springer, 1999
- SCHLESINGER, Artur. *A Thousand Days: John F. Kennedy in the White House*. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 2002.
- VAN RIJN, Guido. *Kennedy's Blues*. Jackson: Univ. Press of Mississippi, 2003.
- WHITE, Theodore. *In Search of History: A Personal Adventure*. Nova York: Harper & Row, 1978.
- WHITE. T.H. *The Once and Future King*. Londres: Collins: 1958.
- ZATZIKHOVEN, Ulrich von. *Lanzelet*. Nova York: Columbia University Press, 1951.

Revistas:

- The 72 Hours and what they can teach us*. Life Magazine. 6 de dezembro de 1963.
- For President Kennedy: An Epilogue*. Life Magazine. 6 de dezembro de 1963.

Roteiro de cinema:

- OPPENHEIM, Noah. *Jackie*. Roteiro original do filme Jackie. Coleção pessoal do autor, 2016.

Trailers:

- Creating Camelot*. Fox Searchlights. Estados Unidos, 2016.
- Ensemble*. Fox Searchlights. Estados Unidos, 2016.
- Jackie*. Fox Searchlights. Estados Unidos, 2016.
- White House Tour*. Fox Searchlights. Estados Unidos, 2016.